

Redes de Sociabilidade, Lazer e Consumo como processadores de Subjetivações LGBTQIA+ nos Municípios de Araraquara e São Carlos¹

Mateus Rodrigues dos Santos

UFSCar²

Palavras-chave: Sociabilidade, Subjetividade, LGBTQIA+

INTRODUÇÃO: ESTABELECENDO ENCONTRO DE UMA CATEGORIA POLÍTICA E O RECORTE DA PESQUISA

A sigla LGBTI+ como prescrita no Manual de Comunicação LGTI (REIS:2018) é o modo utilizado pelos seus atores, a partir de consulta pública à sociedade civil, que vem a reunir pessoas que compartilham de identidades de gênero e orientações sexuais consideradas dissidentes, identificadas assim como, Lésbicas, Gays, Bissexuais, *Trans*, intersexuais e o símbolo “+” é utilizado para agregar quaisquer outras formas de expressão de gênero e orientação sexual que fogem da heterocisnormatividade³.

Neste artigo, ao fazer menção a esta população, faço uso de um termo ainda mais comum nos dias de hoje, LGBTQIA+. Onde “Q” refere-se ao termo Queer, utilizado por pessoas que não desejam ou não se identificam pelas classificações binárias de gênero e orientação sexual e “A” é assexual, indivíduo que geralmente não sente algum tipo de desejo ou atração sexual. As recorrentes mudanças destas terminologias ocorrem para atender as demandas destes indivíduos que são em geral não cisgêneros e/ou heterossexuais, que demandam complexas e constantes transformações:

(...) um recorte em uma rede de relações sociais, no qual estão presentes indivíduos e organizações da ‘sociedade civil’, diferenciáveis pelo fato de compartilharem e atuarem com vistas a um mesmo objetivo geral com relação ao tema da ‘homossexualidade’: a ‘emancipação’ ou a obtenção de ‘cidadania plena’ para os (as)

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022

² Aluno de mestrado no programa de Pós-graduação em Antropologia Social desta universidade.

³ “(...) um sistema que tem como fundamento que é natural e a única opção válida para todos os indivíduos que eles sejam heterossexuais e cisgênero, rejeitando outras identidades sexuais ou de gênero.” (SOUZA: 2020, p, 14), definição influenciada pelo *Glossário da Diversidade* (TOURINHO, et. al.: 2017).

homossexuais ou outras identidades sexuais tomadas como sujeito do movimento. (FACHINNI: 2005, p.25).

Os sujeitos que fazem parte desta diversa e complexa comunidade, que compartilham orientações sexuais e/ou identidades de gênero contestáveis à normatização binária predominante, residentes e possíveis visitantes dos municípios de Araraquara e São Carlos, compõe os interesses desta pesquisa em fase inicial de etnografia no mestrado. A finalidade é aprofundar as problemáticas originalmente levantadas e desenvolvidas no Trabalho de Conclusão de Curso⁴, no qual se buscou compreender as formas e os meios de sociabilidade LGBTQIA+ exclusivamente em Araraquara.

Naquela primeira experiência etnográfica na graduação, foi possível demarcar os espaços de entretenimento e lazer noturnos consumidos pelos indivíduos que de alguma forma se identificam à comunidade LGBTQIA+ araraquarense entre 2018 e 2019, visualizando os modos de operacionalização e produção das identidades e suas trocas culturais no cotidiano, em locais destinados, apropriados por este público ou que sua presença era, numericamente, relevante.

Agora, faz-se interessante revisitar alguns locais que tratei como campo naquela época e visualizar suas mudanças, como trarei mais a frente. Além disso, nesta fase, considerarei estabelecer relação com o município vizinho, São Carlos, ao observar o deslocamento de pessoas LGBTQIA+ entre as duas cidades (além de outros municípios em seus entornos para os eventos das duas, consideradas as maiores nesse recorte) em busca de formas de lazer noturno que atendam seus interesses.

Este artigo, portanto, pretende trazer aspectos que precedem e fomentam tal pesquisa que entra neste momento em fase etnográfica: a movimentação sócio-histórica da comunidade LGBTQIA+ no Brasil, visualizando as interfaces entre mobilizações políticas, práticas de sociabilidade, lazer e consumo; a partir disso, justificar a sua proposta, cuja grande originalidade reside no recorte empírico, descrevendo suas características e peculiaridades em observância à trabalhos similares realizados em outros recortes; elencar os locais propostos para a observação participante, com base nas novas sondagens, indicando os próximos passos da pesquisa; especificar os objetivos;

⁴ Monografia intitulada “*É SÓ O QUE TEM NESSA CIDADE!*”: *Locais de Sociabilidade, Consumo e Lazer Noturno LGBT no Município de Araraquara* apresentada 2019 para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais sob orientação da Prof^a Dr^a Ana Lúcia de Castro.

apresentar os referências teóricos-metodológicos até então trazidos, suscetíveis a alterações e problematizações de acordo com o campo.

CONEXÕES E PARADOXOS ENTRE MOVIMENTO POLÍTICO, SOCIABILIDADE E PRÁTICAS DE CONSUMO LGBTQIA+

Em contextos urbanos, há certa tendência histórica que submete grupos cujas condições e manifestações sexuais não são normativas e hegemônicas, a espaços marginalizados nas cidades. Nesses locais subalternos, os sujeitos que compartilham destas identidades produzem uma rede de relacionamento com códigos de convivência, valores, regras e símbolos próprios:

A homossexualidade tem existido em toda parte, mas é apenas em algumas culturas que ela se tornou estruturada como uma subcultura. Uma subcultura não surge no vácuo. É preciso que haja tanto uma percepção da necessidade de uma solução coletiva para um problema (acesso do grupo à sexualidade nesse caso) quanto a possibilidade de sua satisfação. E é o crescimento de cidades com grandes agrupamentos de pessoas e com relativo anonimato que proporciona a possibilidade para que ambas as questões floresçam. Em meados do século XIX, a subcultura já está muito mais complexa e variada (RUBIN, 2018, p. 266 apud WEEKS, 1967, p. 35-37).

Este fluxo é notável no Brasil do século XX. Embora esteja mais visível e estruturado como guetos⁵ gays (dominantemente homens homossexuais nessa época) a partir dos anos 1960 nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, Parker data a formação de uma “subcultura sexual complexa (...) organizada em torno de desejos e práticas masculinas de mesmo sexo (PARKER: 2002, p. 72)” nos primeiros anos do século, crescendo rapidamente nas últimas décadas, devido a rápida modernização e industrialização do país:

esta subcultura urbana (...), decompondo-se em várias subculturas diversas (embora sobrepostas), cada uma com suas próprias particularidades e especificidades – mundos sociais múltiplos que devem ser encarados como subculturas diferentes do desejo, organizadas em torno de formas variadas de práticas do mesmo sexo e, ao mesmo tempo, como culturas de resistência, que proporcionam pelo menos uma proteção parcial contra violência, o estigma e a opressão encontrados no mundo exterior (PARKER: 2002, p.72).

⁵ Termo apropriado de Perlongher (1987).

A Ditadura Militar entre as décadas de 1960 e 1980 no Brasil reforçavam o estigma e marginalização dos indivíduos e locais ocupados por pessoas LGBTQIA+. Mesmo que alguns estabelecimentos para este público estivessem em regiões centrais das metrópoles, medidas como a intensa fiscalização desses locais para evitar trocas afetivas entre pessoas do mesmo sexo ou a ambientação escura das ruas ocupadas por esses indivíduos (FRANÇA: 2010, p.35), demonstravam certa intencionalidade da sociedade e do poder público em inferiorizar esses grupos. Entretanto, é justamente esta atmosfera que impulsiona as primeiras mobilizações do então movimento gay. O regime militar fomentou a resistência de vários grupos sociais e vem a ser um forte “responsável pelo perfil antiautoritário que marcou a primeira onda do movimento homossexual brasileiro” (NASCIMENTO & SOUSA NETO: 2012, p. 05).

Em 1978, ativistas gays e feministas se aproximaram num forte embate político contra o sexismo e o machismo, desafiando paradigmas como o patriarcado, a rigidez dos papéis de gênero e o tradicionalismo acerca dos costumes sexuais (GREEN: 2000, p. 394).

Nesta efervescência política, principalmente na passagem para os anos 1980, surgem e ganham muita relevância para o público gay, os bares no Largo do Arouche e boates em bairros abastados, como nos Jardins, trazendo movimentação à cena LGBTQIA+ paulistana. Para Richard Parker (2002), o desenvolvimento de uma (homo)sociabilidade nas capitais brasileiras tem como ponto de partida a movimentação dos indivíduos gays em busca de parceiros para práticas sexuais dentro da sociedade ainda tradicionalista e heteronormativa brasileira. Parker realiza uma espécie de

topografia do desejo homoerótico através de uma gama relativamente ampla de centros urbanos contemporâneos no Brasil – nos modos de interações de mesmo sexo se formam no espaço público, e na subversão temporária das normas heterossexuais dominantes e quase sempre bastante opressivas que ocorre nessas interações. (...) [isso permitiu conceber] a construção da atividade sexual masculina e das formas como as subculturas sexuais organizadas em torno da prostituição masculina e de travestis desempenham um papel fundamental na delimitação do espaço gay e da imaginação homoerótica nos cenários urbanos contemporâneos (PARKER: 2002, p.87,88).

Além da prostituição de homens e travestis, os gays conseguiam em locais do cotidiano da cidade, realizarem práticas sexuais rápidas e impessoais, nas próprias ruas, nas praças e praias, nos banheiros e transportes públicos etc.

Pode-se interpretar esse processo social/sexual de várias maneiras. Ele pode ser interpretado como uma reprodução da opressão e da

dominação da vida sexual tradicional. Neste sistema, a discriminação constante da homossexualidade e do desvio sexual de modo geral proíbe qualquer possibilidade de um espaço socialmente legítimo para entretenimento, festividade, socialização, participação e assim por diante, entre homens que fazem sexo com homens (PARKER: 2002, p.100, 101).

Os estabelecimentos gays (saunas, bares e boates) surgem para atender a demanda sexual desse público e alcançaram por fim um objetivo mais amplo: cristalizaram-se como espaços para a homossocialização, ao aglutinar interesses culturais e subjetivos desse público e por fornecer liberdade para a expressão das identidades homossexuais e para as relações homoafetivas de maneira segura e distante da violência do mundo externo. Inclusive, o fator da segurança foi de extrema importância, principalmente com a epidemia do HIV na década de 1980 que reforçou a discriminação e o discurso de ódio contra a então comunidade gay.

Parker (2002) também destaca que a vida dos homossexuais em geral no Brasil, sofre influências externas que são absorvidas e ressignificadas no seio das manifestações culturais e formas de organização da vida dos brasileiros. A partir dos anos 1990, ocorre um crescimento explosivo do mercado de bens de consumo voltados para o público gay. Vivenciou-se “um processo de formação maior sobre o movimento LGBT e das comunidades gays, no qual está ligada a uma economia global e um fenômeno globalizante” (NASCIMENTO & SOUSA NETO: 2012, p. 12).

É possível afirmar que na virada do século aos dias atuais, a comunidade LGBTQIA+ brasileira se estabelece na sociedade e ocupa espaço de maneira um tanto quanto paradoxal:

A violência e a discriminação ainda são crônicas, dados recentes nos mostram que o Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo, outra recorrência é a dificuldade de inserção da população *trans* no mercado de trabalho e no Ensino Superior⁶. Isto demonstra a marginalização dessa população. Muitas práticas sexuais e condições de gênero continuam sendo vistas como tabus e oprimidas pela hegemonia heterocisnormativa, fazendo com que se mantenha este grupo ainda à denominada “subcultura homossexual urbana” (RUBIN: 2018);

⁶Disponível em: <https://www.ufrgs.br/humanista/2018/01/15/transexuais-encontram-dificuldades-para-o-acesso-a-educacao-e-trabalho/>

Em contrapartida, há vitórias no campo dos direitos civis e avanços jurídicos de proteção à comunidade (a conversão da união estável homoafetiva à casamento civil em 2013 e a criminalização da lgbtfobia em junho de 2019 , por exemplo)⁷. Além disso, hoje há o reconhecimento da cultura LGBTQIA+ como um estilo de vida expressivo, na qual seus integrantes mais privilegiados economicamente se tornam importantes agentes de consumo e a comunidade como um todo passa a ser vista como um grande nicho de mercado (QUINALIA: 2018, p.23).

SOCIABILIDADE E CONSUMO LGBTQIA+ EM OUTRO TEMPO E ESPAÇO

Sob este processo sociocultural e político das movimentações LGBTQIA+ no Brasil, de partida, concebendo os modos e itens de consumo como mediadores de sociabilidade e processadores de subjetivações entre os sujeitos, ou, inversamente, tendo o consumo como prática subsidiária da sociabilidade e buscando entender como este grupo se configura e se porta em polos distintos - um deles ainda subjugado, porém visto com bons olhos pelo mercado de bens e entretenimento – que constituem o foco desta pesquisa.

Essa discussão tende a contribuir para preocupações semelhantes, analisadas e estudadas em outros momentos e em diferentes campos empíricos. Há um considerável debate no campo da Antropologia e das Ciências Sociais como um todo, a respeito dos modos de socialização e processos de subjetivação entre indivíduos LGBTQIA+ e o consumo de bens e espaços por esse público. Destaco como principais influências, Isadora Lins França, Larissa Pelúcio e Thiago Duque, num contexto recente⁸, baseados principalmente em trabalhos de cunho etnográfico. Além de Parker, Perlongher (1987),

⁷Respectivamente, informações disponíveis em:
<http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/05/regra-que-obriga-cartorios-fazer-casamento-gay-vale-partir-do-dia-16.html> ; <https://www.cartacapital.com.br/justica/por-8-a-3-stf-aprova-a-criminalizacao-da-lgbtfobia/>

⁸ FRANÇA em sua Tese de Doutorado: *Consumindo Lugares, Consumindo nos Lugares: Homossexualidade, Consumo e Subjetividades na cidade de São Paulo*. (UNICAMP),2010; PELÚCIO e DUQUE no artigo “...Depois, querida, ganharemos o mundo”: *Reflexões Sobre Gênero, Sexualidade e Políticas Públicas para Travestis Adolescentes, Meninos Femininos e outras variações*.

que tiveram seus recortes empíricos em grandes centros urbanos e regiões metropolitanas do Brasil⁹.

Com base nesses estudos, utilizados aqui como referência, ressaltamos que a originalidade deste projeto reside no recorte empírico que toma os municípios Araraquara e São Carlos como *lócus* da investigação. As cidades com 45 km de distância uma da outra¹⁰, estão localizadas na região central do Estado de São Paulo. Uma das hipóteses aqui levantadas se refere à ideia de que apesar da aproximação geográfica, os municípios podem abrigar diferentes modos de expressão cultural e de entretenimento para o público LGBTQIA+.

A população de Araraquara está estimada em mais de 230 mil habitantes¹¹, enquanto os são-carlenses são em torno de 250 mil¹². São municípios do interior de São Paulo, que considero como de porte médio, cuja circulação de pessoas, circuitos de lazer, cultura e entretenimento, são mais concentrados e com menor variabilidade se comparada a capital do estado, por exemplo.

Há a possibilidade de realizar comparações, agregar seus resultados a uma análise situacional do tema no Brasil e destacar particularidades e diferenciações das quais os meios e as relações estabelecidas nestas cidades fazem recair nas identidades e subjetividades ditas LGBTQIA+ nesta região, a partir do cruzamento de variáveis e dispositivos que interpelam estes indivíduos. Além desses marcadores, pretende-se investigar o atravessamento de outros marcadores, como classe social, raça e etnia e escolhas dos interlocutores, revelando como esses diferenciais recaem nos processos de constituição e performance de suas subjetividades (DULLEY & MUNIAGUARA: 2020).

Outra hipótese é a de que ocorra o deslocamento de moradores de demais cidades vizinhas ainda menores¹³ para festas e eventos em Araraquara e São Carlos. O fluxo dessas pessoas em São Carlos e Araraquara permitirá determinar um fenômeno cultural LGBTQIA+ específico desta microrregião no interior do Estado de São Paulo, através de sociabilidades subsidiadas pelo consumo e locais de lazer e entretenimento.

⁹ A Tese de França tem a cidade de São Paulo num contexto mais recente, sendo a etnografia de Perlongher na capital paulistana na década de 1980 como importante pilar. Parker com um extensivo trabalho de campo no Rio de Janeiro e análises mais rápidas em São Paulo e Fortaleza. Larissa Pelúcio e Thiago Duque em Campinas-SP.

¹⁰ Disponível em: <https://www.rotamapas.com.br/distancia-entre-sao-carlos-sp-e-araraquara>

¹¹ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/araraquara/panorama>

¹² Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-carlos/panorama>

¹³ Já foi possível notar a presença de pessoas das cidades de Matão, Américo Brasiliense, Ibaté e Boa Esperança do Sul, por exemplo

Até o momento há a constatação de quatro locais/festas de Araraquara e uma de São Carlos¹⁴.

- *Paradiso* e *Ai Que Loucura*: Direcionadas ao público LGBTQIA+, a primeira é um espaço fixo, uma boate, mas que no momento está em reforma, ocorrendo eventos esporadicamente até a conclusão das obras em outros estabelecimentos da cidade. A segunda é uma festa que ocorre há 10 anos de forma mensal,¹⁵ na qual os organizadores alugam espaços para realizá-las, como outras casas noturnas, salões de festas, chácaras ou áreas e de lazer. As atrações dos dois ambientes são em geral *Djs* que tocam músicas *pop*, *funk* e eletrônica, performances de *Drag Queens* e *Go Go boys*, são mais comuns na *Paradiso* (SANTOS: 2019, p.36-44).

- *TNC*: bar que sucedeu o *piratas* que esteve presente na etnografia da monografia (ibidem: p.33-36), obteve alterações visíveis no cenário, especialmente musical. O *rock* que predominava anteriormente, deu lugar principalmente aos finais de semana, ao *funk*. O que permaneceu, no que pude notar até o momento, é a presença de um público diverso no que diz respeito a sexualidade, havendo o compartilhamento e disputas no lugar, principalmente entre gays, lésbicas e heterossexuais;

- Em Araraquara, ainda cabe mencionar um churrasco ou *encontro*¹⁶ entre um grupo de *whatsapp*, composto majoritariamente por homens gays da cidade. O intuito do evento foi reunir pessoalmente estas pessoas que conversam diariamente pelo aplicativo sobre os mais diversos assuntos do cotidiano, estabelecendo relações de amizade, parcerias, amorosas e sexuais. Presente no grupo, participei do encontro presencial pensando justamente na pesquisa;

- O único evento de São Carlos até o momento é a *Festa da IES* (Imagem e Som). Organizadas por estudantes deste curso da UFSCar, voltaram a ocorrer este ano, com duas edições até o momento, pois esteve parada devido à pandemia. Seu direcionamento parece, *a priori*, ao público LGBTQIA+, embora, certamente, seja uma das maiores festas universitárias da cidade, contando expressivamente com a presença de estudantes universitários. Aluga-se grandes salões de eventos e clubes da cidade para serem

¹⁴ As informações gerais trazidas agora são baseadas especialmente nas conversas com os primeiros interlocutores, acompanhando as redes sociais dos eventos e baseadas em informações trazidas no TCC da graduação.

¹⁵ Exceto nos anos de 2020 e 2021, devido à COVID-19. Na *paradiso* também não ocorreram eventos durante este período mais crítico da pandemia.

¹⁶ Assim denominado pelos envolvidos

realizadas. Com festas temáticas, além de *Djs* com música *pop* e *funk*, às vezes, ocorre a apresentação de artistas e bandas musicais populares nacionalmente¹⁷

OS OBJETIVOS E OS PRIMEIROS PASSOS

Temos como objetivo geral analisar as formas de produção de sociabilidade de pessoas LGBTQIA+ residentes e visitantes do circuito Araraquara e São Carlos, enfocando o consumo e a ocupação de espaços, práticas de lazer e as trocas culturais entre seus indivíduos, observando suas relações com as identidades e os processos de subjetivação resultantes dessas interações.

Este objetivo geral se divide em três objetivos específicos:

- Reconhecer com mais propriedade (considerando a primeira experiência na monografia) os mecanismos e locais de sociabilidade dos indivíduos que compartilham identidades sexuais e de gênero fora do parâmetro cisheteronormativo, tendo em vista o uso e atuação do consumo de bens e espaços como elementos que constituem essas relações, mapeando lugares e práticas possíveis.

- Observar se ocorre, e de que maneira, o deslocamento de LGBTQIA+ araraquarenses para locais de lazer noturno de São Carlos e vice-versa, e ainda o trânsito de moradores de municípios vizinhos por esses dois pontos, a fim de validar ou não a hipótese sobre um fluxo de movimentação LGBTQIA+ nestas cidades, e se será possível identificar um fenômeno cultural específico deste grupo nesta região como já mencionado. Um grande exemplo até o momento, é o fretamento de vans ou ônibus de Araraquara para a *Festa da IES*.

- Desvendar os sentidos atribuídos pelos frequentadores¹⁸, as experiências de sociabilidade e os modos de agenciamento e ressignificação dados ao consumo e aos espaços. Ou melhor ainda, ouvir as denominações e experiências que os interlocutores dão a estas relações que vivenciam, que aqui estamos chamando previamente de “consumo” ou “sociabilidade” etc. Neste momento, ocorre as entradas a campo, estabelecendo-se primeiros vínculos e conversas iniciais. Pretende-se agendar entrevistas semiestruturadas, buscando captar trajetórias, reconhecer as condições socioculturais e econômicas dos indivíduos, suas relações com as cidades, as motivações para escolhas de locais e bens de consumo e os sentidos e usos atribuídos aos mesmos.

¹⁷ A última festa antes da pandemia, “Halloween da IES”, contou com show de Pabblo Vittar e a última festa, em julho deste ano, com a banda Fresno

¹⁸ Sob influência de CASTRO (2016)

Antes de apresentar a metodologia tem sido pensada para tais empreendimentos, cabe apresentar quais conteúdos teóricos tem dado fomento para pensar a relação “Sociabilidade “e “Consumo” e pessoas LGBTQIA+, que demanda também se atentar a estudos de Sexualidade e Gênero

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Sociabilidade e Consumo na Antropologia

Na perspectiva clássica, a sociabilidade ocorre após outros modos de interação social, principalmente a necessidade básica de associar-se, o que constitui propriamente aquilo que vem a ser uma sociedade, segundo Simmel: “o processo de interação entre indivíduos (...) a partir de determinados impulsos ou da busca de certas finalidades” (SIMMEL: 2006, p.59). O que caracteriza a interação é o manejo do *conteúdo* e da *forma*¹⁹ (interesses e necessidades individuais, exteriorização e o compartilhamento desses desejos e anseios, respectivamente), equação que produz a *sociação*.

A sociabilidade expressa a forma lúdica da *sociação* (SIMMEL: 2006, p. 64), trata-se da *automação* sobre a *sociação*, ou seja, são práticas sociais performativas sobre a realidade²⁰, exerce “(...) um papel simbólico que preenche suas vidas e lhes fornece um significado que o racionalismo superficial busca somente nos conteúdos concretos” (SIMMEL: 2006, p.65). Sob esta perspectiva, é possível pensar que o fato que impulsionaria, *a priori*, os encontros de LGBTQIA+ são os interesses que eles compartilham em comum, em espaços que podem se expressarem e se entreterem de forma descontraída e “relaxada”, distante das obrigações do restante da vida cotidiana.

No entanto, há um entendimento mais recente que reflete dimensões antropológicas do conceito: “(...) sociabilidade aponta para dinâmicas de alteridade e enfrentamentos de demandas que complexificam, digamos, parte da sua imagem conceitual” (TOLEDO & SOUZA JUNIOR: 2020, p. 56).

Toledo (2021) traça um caminho feito pela categoria sociabilidade, de sua propriedade sociológica abstrata em Simmel, seu deslocamento para práticas da

¹⁹ Categorias utilizadas por Georg Simmel, bem como *sociação* e *automação*.

²⁰ TOLEDO & SOUZA JR (2020, p. 62)

Sociologia e Antropologia Urbana, até a penetração em contextos etnográficos, nos quais seus significados são plurais sob o ponto de vista de interlocutores.

Este trajeto da sociabilidade amplia seu repertório e possibilidades de uso, não se tratando de uma experiência social autônoma das outras, circunscritas a grupos sociais privilegiados, que atua de maneira coesiva²¹ conforme Simmel concebeu (ibidem, pp. 28, 35, 37). O foco contemporâneo da sociabilidade, está voltado a práticas corporais, visível em grupos sociais diversos, em relações assimétricas, envolvendo “encontros e desencontros performados” mobilizadas pela agência dos indivíduos (ibidem, p.32).

Embora a diversidade sexual nesta pesquisa seja o fator de aproximação e trocas entre os indivíduos, não se limita o entendimento de suas sociabilidades como práticas harmoniosas e desconectadas da realidade como mencionado acima. Estão, por sua vez, embricadas a todo o conjunto da vida, atravessadas por experiências diversas e contraditórias, graças às diferenças entre os envolvidos que são interpelados por outros marcadores sociais e suas capacidades individuais de agência e intervenção.

A respeito do consumo, considera-se a pertinência de suas abordagens na Antropologia. Se visto como mediador de relações, pode conduzir ou subsidiar práticas de sociabilidades. “É prática etnográfica padrão supor que todas as posses materiais carreguem significação social e concentrar a parte principal da análise cultural em seu uso como comunicadores” (DOUGLAS; ISHERWOOD: 2006, p.105).

Outros autores também trazem outros exemplos das funções simbólicas do consumo e das formas como ocorrem as relações entre pessoas e bens:

Sahlins (2003) averiguou os costumes alimentares e o vestuário como sistema de bens que transmite “códigos de objetos”: as diferenças nos hábitos alimentares e nas vestimentas entre as camadas socioeconômicas distingue e categoriza as posições e os grupos sociais. Os bens, neste sentido, funcionam como elementos que reproduzem e mantêm estáveis a sociedade capitalista, dividida em classes;

Bourdieu (2007) também contribui com uma tese similar, ao avaliar que os bens econômicos transmitem signos (a partir de uma lógica determinada para assinalar as

²¹ Grosso modo, maneira como Marilyn Strathern (1999) criticou o termo, arraigado do entendimento euro-ocidental de sociedade e suas derivações, postulando o termo *sociabilidade* como alternativa mais expansiva.

distinções entre as classes e grupos) e orienta funções econômicas para modos comunicativos:

(...) tudo se passa como se os sistemas simbólicos estivessem destinados pela lógica de seu funcionamento enquanto estrutura de homologias e de oposições, ou melhor, de desvios diferenciais, a preencher uma função social de sociação e dissociação (...)
(BOURDIEU: 2007, p.17);

Daniel Miller (1987) desenvolveu, em linhas gerais, uma teoria geral do consumo. O autor reconhece a agência dos consumidores, tornando-se capazes de dar as mercadorias mecanismos de ressocialização. Submerso em uma realidade na qual estava em pauta a crescente cultura de massa, a ininterrupta produção industrial, o Estado Moderno e o modernismo cultural, fatores que supostamente estariam produzindo uma homogeneização de práticas culturais, Miller sinaliza que este fenômeno não se dá de maneira tão massificadora quanto se imagina. O consumo é ressignificado nos diversos grupos humanos, a apreciação de bens e objetos advindos da cultura de massa podem se dar de maneiras diversas quando adquiridos por diferentes grupos sociais.

A Antropologia do Consumo avança nos anos 1990, por fim, nessa perspectiva teórica iniciada por Miller e que propunha “documentar de respostas diversas às possibilidades da mercadorização, demonstrando grandes diferenças regionais” (Duarte, 2010, p.381), tornando possível investigações cujos resultados apresentam diversidades e relatividades diante das formas de consumo, contribuindo para um debate antropológico mais contemporâneo sobre a complexa relação entre as manifestações culturais diante da globalização e a relação local/global²².

As pesquisas contemporâneas nesta linha da Antropologia, tendem a compreender o consumo como performativo, o que produz identidades e expressa valores (ibidem, p. 382) a partir das mais variadas estratificações sociais (gênero, sexualidade, classe, grupos étnicos etc.). Neste caminho, portanto, este trabalho busca reconhecer os processos de consumo na comunidade LGBTQIA+ no recorte empírico proposto.

Estudos de Gênero e Sexualidade:

Ter conhecimento sobre os principais aspectos dos estudos de Gênero e Sexualidade, precisamente da Teoria *Queer*, conforme a formulação de Judith Butler

²² AUGÉ (2005); SAHLINS (1997) e MONTEIRO (1993) são alguns dos principais nomes que refletem sobre o papel da Antropologia diante dos processos de globalização e seus desdobramentos na contemporaneidade.

(2020), torna-se algo imprescindível para qualquer pesquisa cujo grupo em análise seja a comunidade LGBTQIA+. Esta dimensão nos permitirá embasamento teórico para as análises dos sujeitos e no contato com nossos interlocutores, pois, supomos que os indivíduos, seus corpos e suas subjetividades superam as ordens regulatórias que estabelecem padrões de comportamento, tanto feminino quanto masculino:²³

A principal tarefa da autora em sua dedicação aos estudos de Gênero e Sexualidade se caracteriza em compreender as demandas dos sujeitos que fogem do comportamento sexual binário e em romper com as categorias universalistas de investigar estes indivíduos caracterizados por essa diversidade sexual e de gênero.

Tal mobilização tem fruto inicialmente na emergência das pautas feministas, nos questionamentos à legitimação da subordinação das mulheres e nos movimentos de equidade de gênero, instigadas pelo debate filosófico que rompe com a noção universal de sujeito, possibilitando novas maneiras de refletir também sobre a sexualidade, o corpo e as subjetividades (BENTO: 2017, p.65, 66).

Na esteira dessas reflexões, Judith Butler contesta a dicotomia postulada entre sexo e gênero presentes nas mais variadas teses feministas, nas quais predomina a noção de gênero como correspondente às significações culturais atribuídas ao sexo (dado, portanto, como natural). Sobre a polarização entre sexo e gênero, a autora aponta a limitação imputada a estas duas categorias:

“(...) mesmo que os sexos pareçam não problematicamente binários em sua morfologia e constituição (...), não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois. A hipótese de um sistema binário de gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito. Quando o status construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante (...) (BUTLER: 2020, p. 26).

A partir disto, Butler anula a diferença entre gênero e sexo, considerando ambos constituídos no plano discursivo e manejados socialmente, e questiona as origens históricas do que ainda se concebe por sexo, os mecanismos e a genealogia que reforçam a estrutura binária como definição e até mesmo como discursos científicos foram arranjos para atender interesses morais e políticos sobre o tema (BUTLER: 2020, p. 27).

²³ BENTO (2017); BUTLER (2020).

Em acordo com essa concepção, no que diz respeito às abordagens sobre gênero e sexualidade necessárias para esta proposta, seguiremos os seguintes pressupostos: “o caráter performativo das identidades de gênero; o alcance subversivo das performances e das sexualidades fora das normas de gênero; o corpo como um *biopoder*, fabricado por tecnologias precisas” (BENTO: 2017, p.77, 78).

ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

No intuito de refletir sobre os processos de identificação e subjetivação dos indivíduos LGBTQIA+ neste recorte empírico, mediaremos as noções de Sociabilidade e Consumo como elementos que estabelecem vínculos, elos de pertença, disputas e diferenciações internas a comunidade LGBTQIA+ e suas fronteiras simbólicas.

Reforçamos que enfocamos o estudo da sociabilidade e das interações sociais de pessoas LGBTQIA+ em seu “tempo livre” (TORRES: 1996), sem desconsiderar as relações entre momentos de lazer e trabalho.

No geral, no plano do cotidiano, a gama variada de estabelecimentos circunscritos pela designação de bares estão num interstício social entre as esferas do trabalho e do não-trabalho. Se, por um lado, não constituem somente em apêndices das relações engendradas pelo capital, pois não se prestam exclusivamente a reproduzir o *locus* da mera reposição da força de trabalho, por outro lado sequer totalizam toda a experiência da esfera do tempo livre. (TOLEDO: 2000, p. 295)

A inserção a campo, iniciando-se neste momento em caráter etnográfico, leva em conta as reflexões sobre sua prática:

(...) a experiência etnográfica pode ser encarada como a construção de um modo comum de significados, a partir de estilos intuitivos de sentimento, percepção e inferências. Essa atividade faz uso de pistas, traços e gestos e restos de sentido antes de desenvolver interpretações estáveis (CLIFFORD: 2002, p. 36).

O trabalho de campo deve ser executado sob um esforço em articular teoria e prática. Sem dúvida, “a teoria antropológica sempre se fez melhor quando atrelou a observação etnográfica ao universal teórico.” (PEIRANO: 1995, p. 38):

(...) a pesquisa etnográfica é o meio pelo qual a teoria antropológica se desenvolve e se sofisticada quando desafia os conceitos estabelecidos pelo senso comum no confronto entre a teoria que o pesquisador leva para o campo e a observação entre os nativos que estuda (PEIRANO: 1995, p. 41).

A relação entre teoria e prática neste trabalho deve levar em consideração os experimentos pessoais que tenho com o campo. “Isso não mostra a feliz coincidência ou a mágica de encontro entre pesquisador e objeto com que tenha afinidade, mas sim o caráter de interpretação e a dimensão da subjetividade envolvidos nesse tipo de trabalho” (VELHO: 2004, p. 129).

Logo, o exercício de estranhamento, como propõe Velho, é uma vertente que considero necessária e está em constante presença nessas primeiras observações: “O processo de estranhar o familiar torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito dos fatos, situações” (VELHO: 2004, p. 131).

Por outro lado, o olhar enquanto pesquisador permitirá visualizar fenômenos, peculiaridades e acontecimentos antes despercebidos e ouvir de interlocutores experimentações, concepções e interpretações distintas das realizadas anteriormente, revelando novas facetas dessas vivências, enriquecendo a caracterização e os resultados da pesquisa.

O que sempre *vemos* ou *encontramos* pode ser familiar mas não é necessariamente *conhecido* e o que não *vemos* e *encontramos* pode ser exótico mas, até certo ponto, *conhecido*. No entanto, estamos sempre pressupondo familiaridades e exotismos como fontes de conhecimento ou desconhecimento, respectivamente (VELHO: 2004, p.126).

As explorações visam reconhecer se, em seu conjunto, os locais observados formatam circuitos de lazer e aglutinação de indivíduos LGBTQIA+, à luz de Magnani (2008):

(...) a noção de circuito, que une estabelecimentos, espaços e equipamentos caracterizados pelo exercício de determinada prática ou oferta de determinado serviço, porém não contíguos na paisagem urbana, sendo reconhecidos em sua totalidade apenas pelos usuários: circuito gay [entre outros] (...) (MAGNANI: 2008, p.52)

Como aponta Magnani (2008), o *Circuito* é formatado por locais para práticas de lazer, cuja concentração de pessoas ocorre pelo “manejo de símbolos e códigos comuns entre seus usuários” (MAGNANI: 2008, p. 42). Neste sentido, a comunidade LGBTQIA+ se integra a partir destes espaços, por compartilhar interesses e condições em comum. Os locais exclusivos para a comunidade LGBTQIA+, tendem, entretanto, a ser estabelecimentos inseridos em espaços físicos que abrigam mais opções de lazer noturno e entretenimento, configurando o que Magnani denomina como *mancha*:

(...) aglutinada em torno de um ou mais estabelecimentos – apresenta uma implantação mais estável tanto na paisagem como no imaginário. As atividades que oferece e as práticas que propicia são o resultado de uma multiplicidade de relações entre seus equipamentos e vias de acesso – o que garante uma maior continuidade, transformando-a, assim, em ponto de referência físico, visível e público para um número mais amplo de usuários (MAGNANI: 2008, p. 42,43).

Por fim, o termo *trajeto* “aplica-se a fluxos no espaço mais abrangente da cidade e no interior das manchas urbanas” (MAGNANI: 2008, p.43) ou seja, representa os locais de passagem, onde os indivíduos transitam entre os diferentes pontos do *circuito*. Buscaremos identificar e mapear os deslocamentos dos LGBTs, entre ruas e praças, por exemplo, a procura de locais fixos para reunirem-se, verificando a pertinência ou não da aplicação dessas categorias em cidades de porte médio, como Araraquara e São Carlos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acentuo a fase inicial da pesquisa neste momento, especialmente no que diz respeito às entradas iniciais. Anseio dar continuidade as visitas e participações nos recintos e eventos nas duas cidades, estabelecer contatos mais próximos, conhecer melhor os lugares e as pessoas, paralelamente, atualizando as referências bibliográficas. Por fim, produzir um trabalho que faça um interessante diagnóstico das relações de sociabilidade e lazer no recorte proposto, acredito que tal olhar é profícuo inclusive para compreender demandas e necessidades atuais e locais da então comunidade LGBTQIA+.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGÉ, Marc. *Não Lugares: Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*. Lisboa: Editora 90º, 2005

BENTO, Berenice. *A Reinvenção do Corpo: Sexualidade e Gênero na Experiência Transsexual*. Salvador: Devires, 2017

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

BOURDIEU, Pierre. *Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CASTRO, Ana Lúcia de. *Sentidos do Consumo e Fronteiras Simbólicas: uma etnografia entre grupos de baixa renda em um município da Grande São Paulo, Brasil*. In.: *Etnográfica: Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*. 2016, v.20, p.100-117. Disponível em: <https://journals.openedition.org/etnografica/pdf/4216>

CLIFFORD, James. *A experiência Etnográfica: Antropologia e Literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. *O Mundo dos Bens: Para uma Antropologia do Consumo*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006

DUARTE, Alice. *A Antropologia e o Estudo do Consumo: revisão crítica das suas relações e possibilidades*. In.: *Etnográfica: Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*. 2010, v.14, pp. 363-393. Disponível em: <https://journals.openedition.org/etnografica/pdf/329>

DULLEY, Iracema & MUNIAGURRIA, Lorena Avellar de. *Performance, Processos de Diferenciação e Constituição de Sujeito*. In *R@U - Revista de Antropologia da UFSCar*. São Carlos, n. 12, jan-jun. 2020, pp. 8-18.

FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas?: Movimento Homossexual e Produção de Identidades nos anos 90*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005

FRANÇA, Isadora Lins. *Consumindo Lugares, Consumindo nos Lugares: Homossexualidade, Consumo e Subjetividades na cidade de São Paulo*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). 2010. GREEN, James Naylor. *Além do carnaval – A Homossexualidade no Brasil no Século XX*. São Paulo: Unesp, 2000.

GREEN, James Naylor. *Além do carnaval – A Homossexualidade no Brasil no Século XX*. São Paulo: Unesp, 2000.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Quando o Campo é a Cidade: Fazendo Antropologia na Metrópole*. In.: *Na Metrópole: Textos de Antropologia Urbana / José Guilherme Cantor Magnani; Lilian de Lucca Torres (orgs.)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2008.

MILLER, Daniel. *Material Culture and Mass Consumption*. Oxford: Basil Blackwell, 1987.

MONTERO, Paula. *Questões para a Etnografia numa Sociedade Mundial*. Novos Estudos CEBRAP, 1993.

NASCIMENTO, Andrew Feitosa do & SOUSA NETO, Miguel Rodrigues de. *O Surgimento dos Grupos Homossexuais no Brasil Contemporâneo*. In.: Anais do III Congresso Internacional de História da UFG/ Jataí: História e Diversidade Cultural. 2012, p.01-13. Disponível em: [http://www.congressohistoriajatai.org/anais2012/Link%20\(56\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2012/Link%20(56).pdf)

PARKER, Richard. *Abaixo do Equador – Culturas do Desejo, Homossexualidade Masculina e Comunidade Gay no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2002

PEIRANO, Mariza. *A Favor da Etnografia*. Rio de Janeiro: Relumê-Dumará, 1995.

PELÚCIO, Larissa; DUQUE, Thiago: “...Depois, querida, ganharemos o mundo”: Reflexões Sobre Gênero, Sexualidade e Políticas Públicas para Travestis Adolescentes, Meninos Femininos e outras variações. In.: Revista de Ciências Sociais. Fortaleza, v. 44, n. 1, jan/jun, 2013, pp. 10-43. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/viewFile/828/805>

PERLONGHER, Néstor. *O Negócio do Michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

QUINALIA, Renan; et. al. Dossiê, *O Movimento LGBT Brasileiro: 40 anos de luta*. In.: “CULT – Revista Brasileira de Cultura.” São Paulo, n. 235, junho de 2018, p. 20-43.

REIS, T., org. *Manual de Comunicação LGBTI+*. 2ª edição. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018.

RUBIN, Gayle. *Estudando Subculturas Sexuais: Escavando as Etnografias das Comunidades Gays em contextos urbanos da América do Norte*. In.: Teoria e Cultura – Revista de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFJF. Juiz de Fora, n. 1, Jan/Jun de 2018, p. 247-287. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/12413>

SAHLINS, Marshal. *Cultura e Razão Prática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

_____. *O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (Parte I)*. Mana. Estudos de Antropologia Social. Vol. 3, nº 1. Rio de Janeiro: Museu Nacional/Contra Capa. 1997. pp: 41-73.

SANTOS, Mateus Rodrigues dos. “*É SÓ O QUE TEM NESSA CIDADE!*”: *Locais de Sociabilidade, Consumo e Lazer Noturno LGBT no Município de Araraquara*. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais). FCLAr/UNESP. 2019

SIMMEL, Georg. *Questões Fundamentais da Sociologia: Indivíduo e Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

STRATHERN, Marilyn. *No limite de uma certa linguagem* (entrevista). *Mana*, v. 5, n. 2, p. 157-175, 1999.

TOLEDO, Luís Henrique de. *Lógicas no Futebol: Dimensões Simbólicas de um Esporte Nacional*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). USP.2000.

_____ ; SOUZA JR. *Sociabilidade Pandêmica? O que uma Antropologia Urbana pode dizer a respeito da crise deflagrada pela COVID-19*. In.: *Cadernos de Campo - USP* (São Paulo, online), v. 29, 2020, pp. 53-64.

_____. *Sociabilidade: Etnografia de um Conceito*. In. CAMARGO, Wagner Xavier de ; PISANI, Mariane da Silva & ROJO, Luiz Fernando. *Vinte Anos de Diálogos: Os Esportes na Antropologia Brasileira*. Brasília e Curitiba: Brazil Publishing. 2021, pp. 24-42

TORRES, Lilian de Lucca – *Programa de Paulista: Lazer no Bexiga e na Avenida Paulista com a rua da Consolação*. In MAGNANI, J. Guilherme & TORRES, L. de Lucca (orgs). *Na Metrópole. Textos de Antropologia Urbana*. São Paulo, Edusp/FAPESP.

TOURINHO, Francis Solange Viera; et.al. *Glossário da Diversidade*. Santa Catarina, Universidade Federal de Santa Catarina: 2017.

VELHO. *Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.